

## DIANTE DO SER: METAFÍSICA E FINITUDE EM IVAN JUNQUEIRA E ALEXEI BUENO

### IN THE PRESENCE OF THE BEING: METAPHYSICS AND FINITENESS IN IVAN JUNQUEIRA AND ALEXEI BUENO

Henrique Marques Samyn (UERJ)

Resumo: O presente artigo tem como meta investigar os conceitos de metafísica e finitude nas obras de dois poetas brasileiros contemporâneos: Ivan Junqueira e Alexei Bueno. Embora ambos abordem de forma radical a temática metafísica em suas obras, tencionamos demonstrar que suas abordagens apresentam entre si uma clivagem insuperável.

Palavras-chave: metafísica; finitude; poesia; filosofia.

Abstract: This article aims to investigate the concepts of metaphysics and finitude in the works of two brazilian contemporary poets: Ivan Junqueira and Alexei Bueno. Although both poets develop metaphysical themes in their works, we seek to show that they deal with these concepts in radically different ways.

Keywords: metaphysics; finitude; poetry; philosophy.

#### 1. O RECONHECIMENTO DA METAFÍSICA

Este ensaio visa investigar alguns aspectos das obras de dois eminentes poetas contemporâneos: Ivan Junqueira e Alexei Bueno. Conquanto esses dois autores tematizem questões que, em alguma medida, podem ser aproximadas, o que aqui tencionamos enfocar é precisamente o que há de singular em suas obras poéticas, considerando-as em contraste uma com a outra.

Uma contextualização histórica poderia exigir que se falasse, aqui, de diferentes "gerações poéticas": a obra inaugural de Ivan Junqueira é "Os mortos", publicado em 1964; já Alexei Bueno inicia sua obra vinte anos depois, com "As escadas da torre" (1984). Considerações desse tipo não são, contudo, relevantes para este ensaio – sobretudo porque, no caso desses poetas, o eventual reconhecimento de familiaridades formais e temáticas com seus contemporâneos diz muito pouco (ou quase nada): são autores que dialogam não com uma ou outra geração poéticas, mas com a própria história da poesia. Antonio Carlos Villaça (1993) avaliou Alexei Bueno como um poeta "contemporâneo de si mesmo e de todos os tempos"; seria possível afirmar o mesmo a respeito de Ivan Junqueira. Estamos, por conseguinte, tratando de autores a respeito dos quais afirmar qualquer pertencimento geracional implicaria uma imediata relativização do declarado: se aqui e ali é possível encontrar parentescos a partir de um referencial cronológico, esses são apenas alguns laços numa pletora que se estende para muito além de um estreito recorte histórico.

Tudo isso torna-se ainda mais claro quando consideramos os temas que servem como eixo para este ensaio: a metafísica e a finitude. Não são essas questões presentes exclusivamente na literatura deste ou daquele período literário, mas temas que,

estando relacionados de maneira fundamental à própria experiência humana no mundo, inevitavelmente surgirão, de uma forma ou de outra, em qualquer período da História, ainda que de diferentes formas – História em cujas águas tanto Ivan Junqueira quanto Alexei Bueno bebem, aliás, com frequência: basta que se leia, desse, os “Poemas gregos” (Bueno 1985); ou daquele, poemas como “Onde estão?” (Junqueira 1994: 29-32).

Não obstante, uma aproximação entre os dois referidos autores justifica-se pela notável radicalidade com que abordam os mencionados temas – que surgem, aliás, com força já em seus livros de estréia. “Os mortos”, poema que dá título à primeira obra de Junqueira, indicia uma obsessão que ressurgirá, de múltiplas formas, em todos os seus livros; e, se bem analisada, a estrofe inicial do poema dá-nos interessantes subsídios para refletirmos sobre a sua concepção de morte (Junqueira 2003: 33):

Os mortos sentam-se à mesa,  
mas sem tocar na comida;  
ora fartos, já não comem  
senão côdeas de infinito.

O quarteto começa com um verso que surpreende pelo inusitado da situação descrita – “Os mortos sentam-se à mesa” –, que manifesta uma naturalizada convivência entre vivos e mortos numa situação supostamente trivial; de fato, como veremos mais adiante, essa presença explícita da morte no cotidiano é algo recorrente na poesia de Ivan Junqueira. A proximidade anunciada, no entanto, é algo traída pelo segundo verso: “mas sem tocar na comida” – quando percebemos que, apesar de tudo, entre mortos e vivos existe ainda uma clivagem. Vale notar que essa diferença não pode, evidentemente, ser reduzida à obviedade de os mortos não precisarem se alimentar: “não tocam na comida” representa, mais fundamentalmente, um afastamento do próprio ritual comum à mesa – e uma conseqüente afronta aos hábitos, ao *ethos* dos vivos. Os mortos estão sentados à mesa, em meio aos vivos, mas ali permanecem como incômodos visitantes que se recusam a seguir as regras de seus anfitriões; os dois últimos versos dão o tom desse vitupério: “[os mortos] ora fartos, já não comem / senão côdeas de infinito”. Ou seja: os mortos não apenas sentaram-se à mesa já saciados, como também o fizeram fartos de algo que os mortais sequer podem provar – estando aí a violência maior do ultraje.

Também na obra inaugural de Alexei Bueno podemos constatar a presença de alguns dos temas mais presentes em sua poesia – entre eles, a outra questão que nos serve com eixo: a metafísica. Leia-se, por exemplo, o sarcástico “Os metafísicos anônimos”, do qual reproduzimos as estrofes finais (Bueno 2003: 61):

“A vida é a de cá.  
A vida está aquém.  
A vida é, não vem.  
A vida é ela e já.”

E assim ele tenta

Na rua mais física  
Ser sem metafísica  
Mas a noite o enfrenta.

Encontramos nesses versos um reconhecimento da metafísica enquanto dimensão essencial e necessária da experiência humana do mundo. O título do poema encerra uma irônica referência à condição “clandestina” daqueles que, embora sabedores desta verdade, recusam-se a “assumi-la” publicamente; daqueles que tentam reduzir a vida a um conjunto de experiências concretas, pretensamente auto-evidentes e auto-suficientes – algo sintetizado, aliás, no verso “A vida é ela e já” –, quando em verdade têm pleno conhecimento da efemeridade da existência, se considerada em sua finitude. É por esse motivo que, consoante o poema, esses “anônimos” vêm-se obrigados a enfrentar a noite (a saber, a indagação metafísica): porque, para além dessa efemeridade, há um “algo mais” (ou seja, o próprio Ser) que jamais pode ser deixado de lado – graças ao qual se reafirma aquele questionamento.

Há um outro poema, no mesmo livro, que de certo modo trata de um “metafísico anônimo”; referimo-nos a “Crepuscular”, aqui transcrito na íntegra (Bueno 2003: 42-43):

Pobre homem... ele olha bem feliz  
A coleção de livros quinzenais  
Que ele hoje terminou, pra nunca mais,  
A única completa, como o quis.

Lá fora a tarde cai... e o vento vem...  
Na estante ele sorri, (freme a avenida)...  
– A única completa numa vida!  
Pros séculos dos séculos Amém...

Se analisarmos brevemente cada uma dessas estrofes, poderemos entrever, em cada uma delas, uma esfera própria a partir de um referencial metafísico. Na primeira, estaríamos no nível da existência: temos um solitário homem que celebra, feliz, o fato de haver completado sua coleção de livros quinzenais – “A única completa, como o quis”. Nesse nível permaneceria alguém que, como um “metafísico anônimo”, pretendesse reduzir tudo à fenomenalidade: há um homem que está contente por haver atingido um objetivo na vida – e nada mais que isso. Não obstante, há aí um vazio, denunciado precisamente pela estrofe seguinte: é quando, como que “distanciando a câmera”, observamos à distância a mediocridade do evento que, para aquele homem, parece um acontecimento tão grandioso.

Nos dois primeiros versos – “Lá fora a tarde cai... e o vento vem... / Na estante ele sorri, (freme a avenida)...” –, o poeta nos desloca para fora do recinto onde está o homem, recurso que imediatamente relativiza a importância concedida ao acontecimento na estrofe inicial: ali, tudo era como que reduzido à experiência daquele indivíduo; agora, com o campo de observação ampliado, percebemos que a dimensão aparente daquele evento era ilusória – o que é a felicidade de um homem, por conta

de um sucesso trivial, diante de tudo o mais que existe? Nos dois últimos versos, após retomar brevemente o ambiente psicológico da estrofe inicial (“– A única completa numa vida!”), o poeta arremata sarcasticamente, denunciando o absurdo valor concedido ao banal evento: “Pros séculos dos séculos Amém...”. Desse modo, Alexei Bueno dedica-se a denunciar, novamente, o vácuo que há na existência, se considerada como absoluta; o que, por outro lado, encerra novamente uma afirmação da necessidade da metafísica: também esse homem, afinal, “a noite” enfrenta.

## 2. A ANIQUILAÇÃO INEVITÁVEL

Como observou Antônio Carlos Secchin (1996: 143), há na obra de Ivan Junqueira uma estreita associação do tema da morte com a categoria da perda:

Tudo se perde, e em nada se transforma: cabe ao poeta exumar as longínquas miragens de felicidade, sendas que “desaguaram no vazio”; cabe-lhe a constatação de que “A infância é uma canoa que naufraga / e a bordo não traz senão fantasmas”, pois “o que a infância teceu entre sargaços / as agulhas do tempo já não bordam.”

De fato, na obra de Ivan Junqueira a morte é tão presente quanto ameaçadora, como aliás já pudemos entrever na breve análise da estrofe inicial de “Os mortos”; e seu aspecto propriamente terrífico está justamente no que representa: um mergulho na mais completa aniquilação. O homem é um “abismo / que em si próprio se enraíza” porque traz em si, desde o nascimento, a marca funesta de seu próprio (trágico) destino –

A morte, essa abadessa  
que vela desde o berço  
e que, pontual e neutra,  
é a única certeza.  
(Junqueira 2003: 150)

A morte é, portanto, a etapa final de uma jornada em cujo curso o homem se encontra desde seu nascimento – ainda que jamais lhe tenha sido oferecida a possibilidade de negar-se a percorrê-la. Por essa razão, a finitude acaba por determinar plenamente a percepção que o homem tem de si, no mundo; em outras palavras: o homem é, sempre, aquele que vai morrer. Como lemos em “*Corpus meum*” (Junqueira 2003: 128-129):

De que me serve este corpo,  
urna de gozo e desgosto,  
este sarcófago de osso  
e de carne em alvoroço?  
(...)

É meu corpo, esse colosso,  
com seu esplêndido lodo,  
seu *nevermore* e seu corvo,  
seus prematuros horrores.

Estamos a tratar de uma poesia que incessantemente nos recorda de nossa própria (insuportável) finitude; da obra de um poeta para quem

a vida é nada  
com a morte por cima,  
que o tempo apenas  
este fim lhe adia  
(Junqueira 2003: 84)

Dessa maneira, é possível afirmar que Ivan Junqueira compõe uma poesia plena de abismos; uma poesia onde a morte sempre reaparece como sinônimo de uma destruição implacável e definitiva à qual, não obstante, tudo e todos estão condenados. É certo que, diante disso, não poderíamos ter expectativas de encontrar uma concepção metafísica que comportasse qualquer tipo de “salvação” ou “redenção”. Na poesia de Ivan Junqueira, pelo contrário, o que há é a constatação recorrente de uma ininteligibilidade do Ser, devido a que o homem sempre acaba por defrontar-se com o absurdo. Como afirma o poeta na segunda das “Três meditações na corda lírica” (Junqueira 2003: 68):

porquanto o ser, quando medido, é légua  
ou polegada que ninguém percebe,  
padrão avesso a todo esquadro e régua (...)

Incapazes que somos de compreender o Ser, limitamo-nos a observar a superfície – ou seja: o mundo dos fenômenos, “esse fluir de vozes quebradiças”. Na poesia de Ivan Junqueira, tudo o que existe decorre da ação de dois princípios (Junqueira 2003: 70):

Tudo se move e muda nesta esfera,  
onde amor aglutina e ódio esfacela.

Cabe enfatizar a referência à metafísica de Empédocles, o filósofo de Agrigento que afirmou, conforme percebemos por seus fragmentos, que toda a realidade é formada pela ação das forças do Amor e do Ódio sobre os quatro elementos (água, ar, fogo e terra). Há, de fato, um paralelo possível entre o pensamento de Empédocles e a metafísica que encontramos na poesia de Ivan Junqueira: se naquele Amor e Ódio são princípios cósmicos que, em eterna batalha, tudo formam ou destroem, também no caso da poesia junqueiriana o que temos é a percepção da existência humana como efêmero produto de um conturbado ciclo de criações e destruições que, não obstante, supera-a. Desta forma, a superfície do Ser que observamos é sempre convulsa,

frenética, contraditória; e a existência humana, sempre flutuante em meio a essas violentas borrascas, só pode ter como certa sua aniquilação futura (Junqueira 2003: 71):

Vai, e esquece a lei do que é perpétuo,  
pois o que dura apenas permanece  
enquanto o movimento se conserva  
ou se transmuda o espírito em matéria:  
a condição do ser é não ser término,  
mas só início de outro ser que o nega.

Agora dorme em paz com tua guerra  
e renuncia para sempre ao credo  
que te faz crer imóvel luz eterna.

### 3. A FALSIDADE DO FENÔMENO

Na obra de Alexei Bueno, encontramos uma resposta distinta a esses questionamentos acerca da metafísica e da finitude. Sigamos aqui um caminho inverso ao do realizado na análise da poesia junqueiriana: busquemos compreender, em primeiro lugar, o sentido da metafísica na poesia de Alexei Bueno.

Se para Ivan Junqueira o Ser é um turbilhão repleto de vazios, abismos e aniquilações, na poesia de Alexei Bueno encontramos uma concepção bastante diversa: nela o Ser surge, sobretudo, como permanência – uma permanência que atravessa o infinito ciclo de mortes e renascimentos que constitui a existência; desse modo, “tudo retornará”, “Tudo ressurgirá na nossa alma inocente”,

Cada som, cada cisco, a mais sonhada hora,  
Tudo outra vez virá, mas mesmo entre essas vidas  
A arder, nós nos voltando havemos de ir embora.  
(Bueno 2003: 246-247)

Isso porque o existente, concebido como contínua extensão do Ser, é – para falar metaforicamente – aqui percebido como uma multiplicidade de ondas no mar, ou seja: uma miríade de desdobramentos do Ser que, a todo momento, projetam-se, entrechocam-se e se dissolvem. Podemos inferir essa concepção a partir de “São João Marcos”, soneto que tem esta primeira estrofe (Bueno 2003: 387):

Mas o que é existir? Oca, submersa,  
Esta é a cidade. O nosso úmido avesso  
É o espelho final, suma sem preço  
Que ajunta o que o fenômeno dispersa.

O Ser é, por conseguinte, um “outro lado” – ou, no dizer do poeta, o “úmido avesso” do fenômeno: a unidade que, para além da multiplicidade dos existentes, permanece sempre enquanto tal. A distinção entre o Ser e a fenomenalidade, nessa

medida, mostra-se falsa: embora na superfície estejamos diante da “farsa das formas”, como versa o poeta em “O espetáculo” (Bueno 2003: 395), por outro lado estas formas são precisamente isso: uma farsa – uma vez que não passam de projeções de um Ser que permanece todo o tempo idêntico a si mesmo (“Uma que somos, todas somos já”, afirma Alexei nesse mesmo poema). Estamos, contudo, condenados à existência, ainda que brevemente: mesmo que saibamos que, de fato, os fenômenos são um engodo, mero espetáculo que se desenrola na superfície do Ser, não podemos escapar desta morada provisória. O que nos resta é somente o consolo de nosso futuro retorno àquela habitação primordial: um retorno não apenas possível, como inevitável.

Obviamente, dentro dessa concepção metafísica não há lugar para a morte enquanto aniquilamento: essa, enquanto dissolução do fenômeno, representa meramente a reabsorção desse pela unidade originária – como uma onda que, após arrebentar, dissolve-se outra vez no mar. A vida poderia, nessa medida, ser comparada à vibração de uma corda: quando a corda deixa de vibrar, tem-se aquilo a que chamamos morte. A alma está, portanto, recriando-se a todo momento – ela “faz seu próprio parto”, como afirma o poeta em “Neste instante” (Bueno 2003: 255) –, uma vez que, a cada passo, atualiza-se enquanto vivente, sustentando assim a vibração. Cabe observar, no entanto, que mesmo quando cessa o movimento, a corda pode voltar a vibrar em um tempo futuro – retornando, portanto, ao “estado de vida”; é nesse sentido que deve ser compreendida aquela sobrevivência para além do tempo a que se refere o poeta em “A hoste” (Bueno 2003: 259):

És lá. Estás lá.  
És fixo, o que foge  
É o tempo que já  
É o ontem. Tu és hoje.

A morte é, afinal, tão ilusória quanto a vida: ainda que pareça existir como tal no mundo fenomênico, não passa de um estado aparente do Ser – que, em verdade, é sempre o mesmo. Infere-se disso a falsidade da morte, afirmada pelo poeta em um dos “Poemas gregos” (Bueno 2003: 193):

A verdade da morte não nos serve  
Como não serve um manto  
De rasgos sorridente  
No carrancudo inverno.

#### 4. METAFÍSICA E FINITUDE

Neste ensaio tratamos, embora brevemente, de alguns aspectos das obras de dois poetas contemporâneos que abordam temas que sempre acompanharam – e sempre acompanharão – a produção humana. De um lado, na poesia de Ivan Junqueira deparamo-nos com um Ser esfíngico e oculto, perante o qual é a finitude percebida em toda a sua fragilidade e efemeridade – percepção que se traduz em versos que, com força avassaladora, afirmam a finitude. Afirma o poeta, em “A morte” (2003: 190):

A morte é um cavalo seco  
que pasta sobre o penedo;  
ninguém o doma ou esporeia  
nem à boca lhe põe freios.

Na poesia de Ivan Junqueira, a morte efetivamente circula como um animal feroz, incontrolável e insaciável, que deixa atrás de si apenas rastros de destruição. “Os ossos não choram”, afirma o poeta; e todos estão, inegavelmente, condenados à aniquilação derradeira:

Foram damas tais ossos, foram reis,  
e príncipes e bispos e donzelas,  
mas de todos a morte apenas fez  
a tábua rasa do asco e das mazelas.  
(Junqueira 1994: 74)

Alexei Bueno, por seu lado, retira o Ser de seu abismo e afirma, incessantemente, sua primazia sobre o existente. Sua poesia é sobretudo uma afirmação da eterna continuidade e renascimento de todas as coisas; a finitude, em sua obra, surge apenas como uma (aparente) perturbação em um Ser que, todavia, permanece sempre o mesmo, inalterável e inamovível – de onde a imagem, em “O centro”, da vida como um sonho, contraposta à vigília divina (2003: 260):

E por trás desse sonho outros pregressos,  
De nós, de outros que nós, e de outros nós,  
E a névoa e a noite, e as fugas e os ingressos,  
  
E o sonho em tudo, no antes, no ora e o após.  
Enquanto além do Seu nosso oco incerto  
Deus é o que é, intrínseco e desperto!

Não se trata, evidentemente, de cotejar essas concepções a fim de julgá-las mais ou menos acertadas; o que é preciso reiterar é que, em ambos os casos, a poesia revela-se como um instrumento privilegiado para dar voz a inquietações intrínsecas à condição do homem no mundo. É quando se depara com a percepção de sua própria finitude ou com as inolvidáveis dúvidas metafísicas que o homem vê-se diante das interrogações que mais profundamente o atingem; e, quando são essas as fontes do lirismo, a poesia atinge alguns de seus mais pujantes momentos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUENO, Alexei (1985). *Poemas gregos*. Rio de Janeiro: Ágora Editora.



\_\_\_\_\_ (2003). *Poesia reunida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

JUNQUEIRA, Ivan (1994). *A sagração dos ossos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

\_\_\_\_\_ (2003). *Melhores poemas*. Seleção Ricardo Thomé. São Paulo: Global.

SECCHIN, Antonio Carlos (1996). *Poesia e desordem: escritos sobre poesia & alguma prosa*. Rio de Janeiro: Topbooks.

VILLAÇA, Antonio Carlos (1993). Comentário (texto de orelha). In: BUENO, Alexei. *Lucernário*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Recebido em 30/11/2008; aprovado em 31/08/2009.